

ANIMA

Nikolaus Heinrich Witt

ANZOS

recordações de uma época, casos e causos

CULTURA



Edições
Governo do Estado

© Nikolaus Heinrich Witt, 2012

EDITOR RESPONSÁVEL Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA E PROJETO GRÁFICO Ângelo Lopes

FINALIZAÇÃO André Martins

REVISÃO Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO Ediana Palma

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA Luiz Felipe | Karla Colares

W827a Witt, Nikolaus Heinrich.

Amazonas: recordações de uma época, casos e causos / Nikolaus Heinrich Witt. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

326p. : il. ; 15x21cm.

Inclui Biografia Robério Braga.

Fontes e Agradecimentos do Autor.

ISBN 978-85-64218-20-8

1. Romance Biográfico. 2. Manaus – Amazonas. 3. Ciclo da Borracha – Amazônia. I. Título.

CDD 869.3081

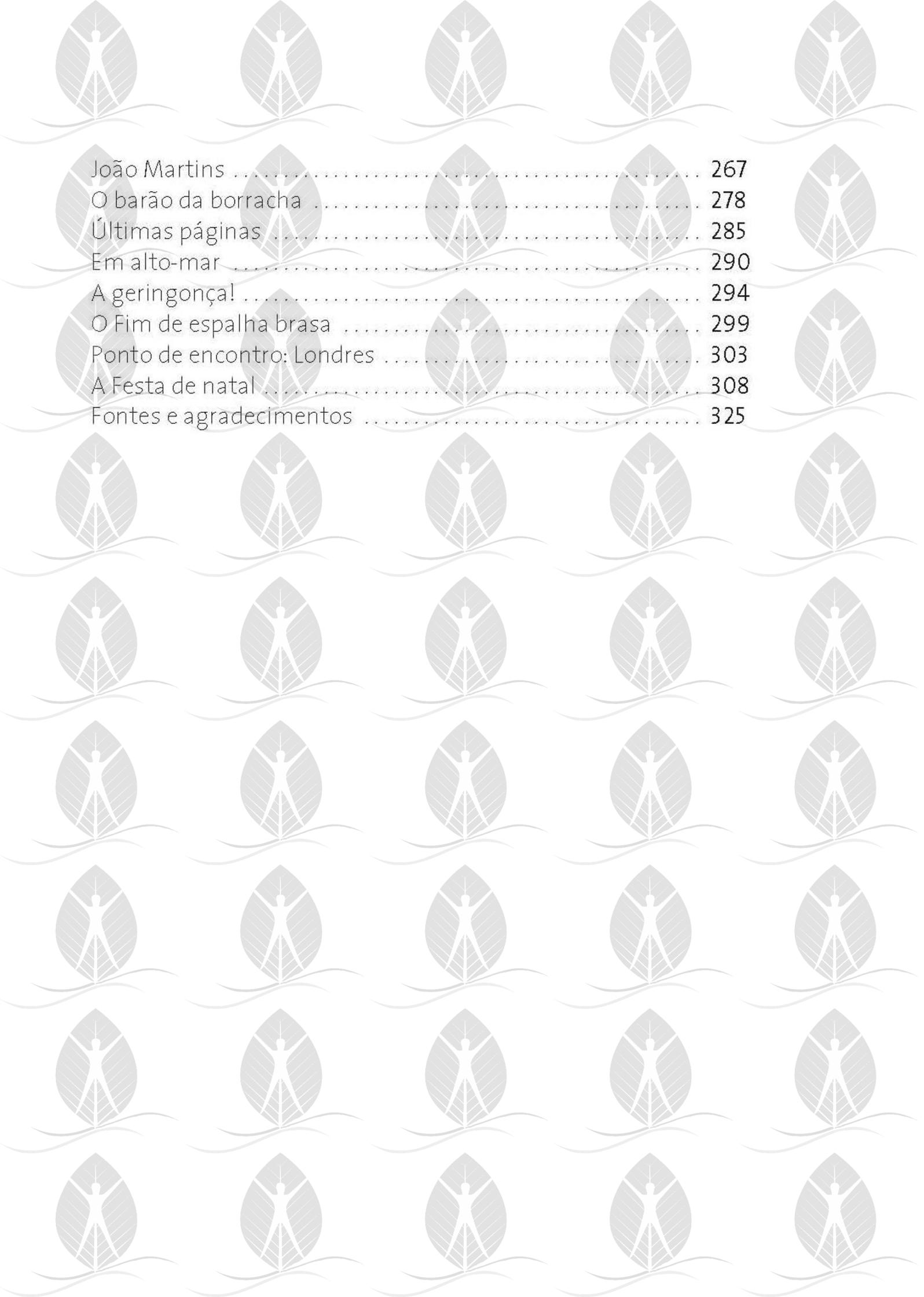
CDU 929(0:82-31)

SUMÁRIO

Dedicatória	15
Prefácio	17
Prefácio do autor	19
Introdução	21
De onde vieram.....	35
Pierre, o Negro	42
Kaniô	45
A travessia	50
Má notícia	52
Amizade na selva	53
Foragido	58
Mar bravo	60
Desentendimento	62
Pierre deixa sua terra	64
O Futuro do Lisboa	68
...e o Negro Pierre?	71
...Em Manaus.....	75
Uma viagem marítima divertida.....	76
Visita indesejável	77
Não será possível	80
Um achado suspeito	81
Lisboa sem esperança	82
Para o diabo.....	83
Tempestade	84
Advertência e pesadelo	86
Onde ficou o Sebastião?	88
Batismo	91
Suspeita	93
Vivo ou morto, um macaco	94

O dedo	95
Nosso comandante	97
Mal agradecido	100
Netuno, senhor dos mares	101
Juntos para Manaus	106
Pensamentos tristes	107
Precisamos de dinheiro muito dinheiro!	109
Comprando sem querer	111
Lili	112
A peste a bordo	114
Tiros de morteiro	115
Estaremos preparados!	117
O desembarque	118
Muitas perguntas	119
Quase chegando	121
A calça	122
Quarentena	124
Outra vez, espalha brasa!	125
Pedras!	126
Desvios	127
Despedida	129
Esperando em vão	130
Surpresa	131
Finalmente!	133
Vamos linchá-lo!	134
Primeiro encontro com a civilização	136
Na rua	139
Cara insuportável	139
Acusação enganosa!	140
Vistoria	141
Trabalho	143
Sem esperança	145
Abaixo a cabeleira!	146
Finalmente!	148

A cada um o que merece	148
Ao garimpo!	152
Para a cidade! Manaus	155
A cabeleira vai cair!	156
Cais marítimo... ..	158
Oba! ...uma surpresa	160
O Macaquinho	161
A Feira	162
Chantagem	164
Amigos!	164
Deixando o "Lanfranc"	166
De volta para Santarém	168
A visão.....	169
Enfim	173
A Mulher não percebeu	174
Combinado!	175
Bom dia	178
Excursão planejada.....	180
Um filho	183
Marapatá	186
Homenagem a nico	187
Na margem do rio Negro	191
O mensageiro misterioso	193
Pierre venceu!	194
A primeira carta	197
Aruanãtanga	199
A volta de Zeca	205
O Assalto	210
Desesperado... ..	213
Malária	215
Confusão	221
Feliz, de volta em casa... ..	231
Desentendimento	240
Correio de garrafa	263



João Martins	267
O barão da borracha	278
Últimas páginas	285
Em alto-mar	290
A geringonça!	294
O Fim de espalha brasa	299
Ponto de encontro: Londres	303
A Festa de natal	308
Fontes e agradecimentos	325

INTRODUÇÃO

A viagem de avião até Belém do Pará era tranquila. Para mim até tranquila demais, o sujeito sentado ao meu lado não quis conversa. Então, fiquei olhando pela janela do avião, reparando as nuvens ao pôr do sol. Pensando comigo, refleti sobre a situação: esse comportamento do meu companheiro de viagem não era normal. Pelo menos não era brasileiro.

Antigamente, viajando pela Central do Brasil, nunca faltava conversa. Conversa animada. O tempo costumava passar muito rápido. Muitas das vezes, o companheiro ou a companheira de viagem se tornava amigo e de um encontro casual se desenvolvia amizade para o resto da vida.

Naquele tempo, o brasileiro era mais pobre, mas também mais aberto e amigável. Os tempos mudam e com ele também muda o comportamento do cidadão. Cada um de nós tem os seus problemas.

É o carro na garagem, a moto ou os problemas de família. Com a melhora do padrão da vida aumentou a criminalidade e o uso de tóxicos. Cada um de nós se defende como pode. Nas janelas, as grades de ferro. No cidadão, o semblante fechado. Um tem medo de se expor, outro desconfia do companheiro de viagem. Então, é melhor ficarmos calados.

O pouso do avião prossegue perfeito. Podemos descer. Não fico preocupado em procurar hospedagem. O agente de viagem, conhecido antigo, já providenciara tudo para mim. Era só procurar um táxi que me levaria ao hotel. Que hotel? Pedi um hotel popular, não de luxo. Os hotéis de luxo no mundo inteiro têm o mesmo padrão, a mesma sopa de entrada e a mesma sobremesa. Eu, cidadão humilde, queria contato com o povo. Só assim conseguimos entender a região e a sua gente.

No hotel, resolvidas as formalidades de praxe, o atendente me levou ao quarto. Colocando a mala no assoalho de tábua corrida,

diz: Fique à vontade. Em caso de necessidade, aquele telefone fica à sua disposição. Até mais ver. Com licença.

Do lado de fora, fechando a porta do quarto, o atendente retorna ao seu serviço.

Que quarto. Que hotel o agente de viagens escolheu. Tudo está limpinho, mas o hotel sem dúvida é remanescente do século passado. O quarto muito alto parece um cubo 5 m x 5 m. As venezianas das janelas que vão até o chão estão fechadas. A gigantesca cama de casal está convidando. Que tal?

E a companheira, será que vai surgir como por toque mágico?

– Sabe o quê? Vou tomar um banho, mudar de roupa e dar uma volta na cidade, lá perto do cais ou do “Ver o Peso”. Se tiver sorte, já posso localizar o catamarã em que vou embarcar amanhã seguindo viagem para Manaus ou “Manáos”, como se chamava a cidade na época áurea da borracha.

Andando pelas ruas, vou-me orientando. Acho impressionante a arborização das ruas. O cheiro das frutas, uma mistura de fragrâncias trazidas pelo ar saturado com umidade. Já está escurecendo e o movimento continua intenso. Não encontrando o catamarã, resolvo ir para casa e tomar outro banho. Vou dormir para amanhã acordar descansado e bem-disposto.

Deito-me na cama limpa e começo a meditar enquanto o sono não me pega:

O que significam cem anos em comparação com o tempo de vida do homem? Ou então comparados com a formação do nosso planeta e a existência da humanidade? Os últimos cem anos trouxeram um progresso incrível, do ponto de vista tecnológico. O homem, porém, no seu modo de pensar, de agir, não mudou seu comportamento desde seu expurgo do paraíso. Com a serra elétrica ele agride a mãe natureza, que assegura a existência humana na face da Terra. Com armas modernas, ele obriga seus inimigos, de comportamento econômico ou político contrários, ao seu a aceitar sua vontade ou perecer debaixo de uma chuva de explosivos, ou morrer de fome.

Agora estão de olhos na Amazônia. De olhos no pulmão do nosso planeta e de olhos no subsolo dessa região.

A Amazônia, onde os povos indígenas, garimpeiros comerciantes de madeira, aventureiros e latifundiários lutam pela existência. Há cem anos essa luta pelo ser ou não ser ocorria silenciosa na imensidão da Mata Amazônica. Hoje, a comunicação moderna e evoluída tornou o nome de “Chico Mendes”, chefe do sindicato dos seringueiros, mundialmente conhecido. Gigantescas embarcações navegam pelo Amazonas até “Santos”. Estão carregadas de containers com automóveis e eletrodomésticos. A mata, que meu avô ainda julgava ser invencível e permanente, hoje devastada, dá lugar à monocultura e a pecuária. A mata desaparece. O caboclo e o povo ribeirinho, porém, ainda existem. A Amazônia é grande demais para que o ser humano possa mudá-la num século. Ainda a região forma sua gente e sua natureza. Mas até quando? Muitos turistas chegam às cidades de Belém e de Manaus, sem ter contato com a região ou seu passado. Para eles, faltam os conhecimentos e mais interesse profundo pela terra. Os europeus, acostumados com o turismo organizado, se acham “no mato sem cachorros”.

Na hora do café da manhã, uma surpresa: o salão estava repleto de gente parecendo brasileiros. Estavam conversando entrem si. Gesticulando animados. Pareciam turistas nossos, mas não entendi nem uma palavra do que eles falavam.

Como é que pode? Gente do interior não é. Eu entenderia.

Todos os lugares ocupados. Cheguei na hora estão se preparando para partir. Lá uma mesinha ocupada somente por uma senhora mais idosa. A outra cadeira na sua frente permanece desocupada.

Peço licença e desejando um bom dia, me acomodo. Num gesto gentil aquela senhora retribuiu minhas palavras, porém num dialeto que não entendo. Como aquela senhora pareceu ser gentil e comunicativa, eu a agradeço em inglês. A resposta vem: não são meramente turistas. São vizinhos nossos lá da Guiana Suriname. Vem cá para o Brasil fazer compras.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**